

Entrevistas



Ismail Shammout. *We'll be back (Nós voltaremos)*.
1954. Óleo sobre tela. 79 x 94 cm.

Robson Mendonça Pereira & Sônia Maria de Magalhães

ENTREVISTADOS POR ADEMIR LUIZ



Memórias de um político

O casal de historiadores **Robson Mendonça Pereira**, professor da Universidade Estadual de Goiás, e **Sônia Maria de Magalhães**, professora da Universidade Federal de Goiás, pesquisou durante anos os escritos do político paulista Altino Arantes, presidente de Estado. O resultado é o livro *O Diário Íntimo de Altino Arantes (1916 – 1918)*, lançado pela Paco Editorial em 2015. A obra é ao mesmo tempo um saboroso relato literário do cotidiano de um homem sofisticado, um revelador retrato da política brasileira de meados do século XX e, principalmente, um documento histórico de valor inestimável. Nessa entrevista, Robson e Sônia falam sobre o processo de pesquisa para o livro, sobre a *Belle Époque* paulistana, a importância de se estudar diários íntimos de personalidades e acerca dos pontos de intersecção entre a política paulista e goiana.

ADEMIR LUIZ: Os textos que compõem *O Diário Íntimo de Altino Arantes (1916 – 1918)* foram escritos num período extremo da história do Brasil e do mundo: Primeira Guerra Mundial, Gripe Espanhola, crise na economia cafeeira, greve anarquista e outras coisas. De modo geral, de que forma esse cenário é apresentado e interpretado por Altino Arantes?

ROBSON MENDONÇA PEREIRA: Os indivíduos em geral comparam a realidade vivenciada em função do passado imediato que conhecem. Altino Arantes começou a redigir seu diário quando assumiu o governo do Estado de São Paulo em meio ao que hoje interpretamos como uma espécie de crise calamitosa, no entanto, nossa análise se baseia em uma visão mais ampla dos eventos, e mesmo correndo sérios riscos ao afirmamos certas coisas sobre os anos 1910 temos essa vantagem. Altino era um membro bem informado da elite política paulista, tinha consciência da gravidade da situação da “guerra européia”, sobretudo de seus efeitos nos negócios do café, uma vez que a receita obtida com a cobrança do imposto de sua exportação constituía a mais importante rubrica do cofre estadual paulista. Altino registra seus esforços em conversas com diplomatas e embaixadores na tentativa de liberar navios cargueiros do Lloyd brasileiro e de conquistar novos mercados consumidores como o russo, o japonês e o norte-americano, para reverter o quadro de crise no comércio exterior. Em certos momentos Altino parece pensar que a guerra não iria se prolongar permitindo que o progresso vigente até então fosse retornar como num passe de mágica, sanando a questão da carestia e de movimentos paredistas. Compartilhava como muitos contemporâneos a ideia de que o anarquismo se tratava de uma espécie de “flor exótica” trazida por imigrantes espanhóis e italianos expulsos de suas pátrias, e de que o “povo” era obreiro e pacífico. A greve de 1917, que paralisou a cidade de São Paulo provou o contrário, inclusive a fragilidade da administração paulista para resolução da chamada “questão social”. Houve pouco tempo para uma recuperação, pois no ano seguinte, a pandemia de gripe estabeleceu o caos na cidade. Nestes dois eventos Altino mantém a convicção que acertava mais do que errava, sobretudo, depois dos excessos cometidos pela Força Pública durante a greve anarquista e das deportações de imigrantes. Era capaz de um *mea-culpa*, mas cerrava suas convicções no ideário conservador predominante entre os pares do Partido Republicano Paulista (PRP).

ADEMIR LUIZ: Altino Arantes começou a escrever o diário no dia 1º de maio de 1916, exatamente no mesmo dia em que tomou posse no cargo de Presidente do Estado de São Paulo. Portanto, a própria existência do texto se filia diretamente ao exercício da função pública. Produzir esse tipo de relato era comum entre os políticos da época ou o caso de Altino Arantes, em algum aspecto, é singular?

SÔNIA MARIA DE MAGALHÃES: Podemos dizer-lhe que é muito comum esse procedimento, principalmente em autobiografias de políticos, momento em que o autor cria um personagem de si mesmo por meio do qual conta sua própria trajetória procurando estabelecer certa coerência entre os fatos narrados e a “grande” história, donde o resultado da operação seja revelar o protagonismo, objetivo inconfesso do autor para consagrar sua individualidade para as gerações futuras.

ROBSON MENDONÇA PEREIRA: A título de exemplo, citamos o caso do diário Getúlio Vargas cujo primeiro registro se deu no dia 3 de outubro de 1930, data do início da Revolução, isto no momento em que o autor sequer tinha certeza de que assumiria dali um mês a chefia do Governo Provisório. Existem exceções, no caso dos diários, de situações nos quais a escrita de si teria como função para o indivíduo o autoconhecimento, a lembrança ou simples escrita terapêutica.

ADEMIR LUIZ: O estudo introdutório do livro dá bastante destaque aos conflitos no interior da oligarquia paulista. Quais são eles e como Altino Arantes se posicionava?

ROBSON MENDONÇA PEREIRA: A própria eleição que levou Altino Arantes a presidência paulista se deveu a uma crise interna no PRP que rachou o partido, devido ao imbróglio gerado pela indicação pessoal efetuada pelo governador Rodrigues Alves que desejava impor seu secretário mais fiel na sucessão, com o objetivo incontido de alçar apoio a sua futura candidatura como presidente da República. Nos primeiros registros de seu diário Altino confirma a preocupação em manter a unidade partidária quando preside uma reunião da Comissão Executiva. Em vários outros registros posteriores manifesta hesitação, seja em relação à própria capacidade de atenuar os conflitos político-administrativos ou para conduzir

o governo. Uma forma de impor sua vontade diante da forte influência do conselheiro Rodrigues Alves se deu durante na resolução de apoiar o deputado Washington Luís como candidato a prefeito da capital, a despeito das posições contrárias dos chefes do partido. Com o passar do tempo, Altino foi se firmando e adquirindo mais autoconfiança, algo perceptível nos comentários que produz sobre as exaustivas audiências aos secretários, chefes e políticos do interior, sua experiência como Secretário do Interior havia habilitado para lidar com questões locais e regionais, tecendo acordos e atendendo aos interesses de grupos rivais de maneira a anular completamente a oposição. Na segunda metade de seu mandato a cisão partidária havia sido superada com a reintegração de antigos próceres como o proprietário de “O Estado de S. Paulo”, Júlio de Mesquita. Resolvida essa questão, Altino pode estruturar os acordos necessários para alçar a candidatura do conselheiro na sucessão de Venceslau Brás, que foi exitosa. Entretanto, Rodrigues Alves faleceu antes de tomar posse, sendo convocada nova eleição pelo vice Delfim Moreira para abril de 1919. Foi neste momento que Altino chegou a ter seu nome veiculado como possível candidato, mas desentendimentos entre os chefes do partido e a oposição de outros estados sem o qual não haveria acordo possível minguaram aquela possibilidade. Altino voltaria a carga na sua própria sucessão indicando mais uma vez o nome de Washington Luís, mas teve de costurar apoios e mais uma vez superar oposições levando o prefeito da capital ao Palácio dos Campos Elíseos.

ADEMIR LUIZ: Como era a relação entre Altino Arantes e o presidente da República no período, o mineiro Venceslau Brás?

ROBSON MENDONÇA PEREIRA: Pelo que percebemos das notas no diário, Altino mantinha uma relação cordial com o mineiro Venceslau. Quando Altino assumiu o governo paulista, Venceslau encontrava-se no meio de seu mandato, e sua eleição havia sido proposta pelos mineiros que vetaram a candidatura do gaúcho Pinheiro Machado em conciliação com os paulistas que se opunham a Rui Barbosa. Daí lançou-se Venceslau com o apoio de outros estados. É preciso lembrar que cada eleição na Primeira República, na ausência de partidos nacionais, surgia de acordos tecidos entre os diferentes entes federativos dependendo de circunstâncias conjunturais específicas, sendo difícil afirmar que existiu propriamente uma

política do “café com leite” que as pesquisas historiográficas mais atualizadas revisaram. Um excelente trabalho que ilustra essa questão é o de Cláudia Maria Ribeiro Viscardi, *“O Teatro das oligarquias: uma revisão da ‘política do café com leite’”*. O que havia era uma estratégia de conciliação no qual São Paulo cedeu seu protagonismo na esfera federal a partir do final do mandato de Rodrigues Alves em 1906, em troca da manutenção da política de valorização do café, espécie de “pedra de toque” para garantir as vantagens econômicas e uma polpuda arrecadação gerada pelo imposto de exportações. Altino negociou intensamente a candidatura de seu mentor conselheiro Rodrigues Alves a sucessão de Venceslau. Havia alguns impedimentos, a avançada idade do conselheiro e seu estado de saúde, que tornavam sua candidatura algo um tanto arriscada, mas em meados de 1917 a solução para o caso foi aceitar como vice na chapa o mineiro Delfim Moreira, selando o apoio do líder gaúcho Borges de Medeiros, de Nilo Peçanha e do próprio Venceslau. Como se sabe o conselheiro venceu o pleito, mas acabou falecendo antes da posse como uma das vítimas da pandemia de gripe espanhola, encerrando o sonho de Altino de ver um paulista reassumir o poder, e quiçá ele mesmo talvez ambicionasse sentar um dia na cadeira presidencial.

ADEMIR LUIZ: Estendo a pergunta para as relações entre Altino Arantes e Washington Luís, considerando que o professor Robson produziu o livro *Washington Luís na administração de São Paulo (1914 – 1919)*, editado pela Unesp.

ROBSON MENDONÇA PEREIRA: É interessante esta menção, pois a trajetória de ambos é de alguma maneira o reflexo de como funcionava o sistema político da época. Altino se referia ao período em que como uma espécie de “advogado da roça” havia se iniciado nas lides políticas pelas mãos do fluminense Washington Luís, que havia se mudado para Batatais, município cafeeiro localizado no nordeste paulista servida pelos trilhos estrada de ferro da Mogiana, ainda no início dos anos 1890. Altino era filho de um coronel influente em Batatais. Depois de estudar no Colégio São Luís, em Itu, teve a ajuda de Washington para ingressar na Faculdade de Direito de São Paulo (o famoso Largo do São Francisco). Washington conquistou enorme clientela endinheirada e elegeu-se vereador. Nas memórias sobre esse período Altino revela que após a formatura fez sociedade com seu amigo e fundaram um jornal opositorista,

mas, que acabaram ficando em campos opostos quando seu tio o convocou para organizar o diretório do PRP, pois sua família era socialmente ligada aos Junqueira de Ribeirão Preto. Washington foi presidente da Câmara e depois prefeito, quando se mudou para capital paulista para ocupar a cadeira de deputado estadual. Alguns anos depois Altino foi eleito deputado federal. Vieram a se encontrar novamente como membros do secretariado do governo de Albuquerque Lins (1908-1912). Quando Altino assumiu a presidência do Estado parecia ter levado a melhor, pois Washington angariara o posto de prefeito da capital que se encontrava em estado de solvência financeira grave. A relação entre Altino e Washington tornou-se tensa nesse período, e pode ser aferida pelas reclamações registradas por Altino pelos arroubos e gestos impulsivos do prefeito que constantemente ameaçava renunciar ao cargo por motivos banais. Mesmo assim, Altino bancou Washington em suas empreitadas, primeiro quando pediu o restabelecimento da eleição direta para prefeito da capital, quando convenceu os cardeais do partido a aprovarem a lei com a garantia de que o mesmo fosse reconduzido ao cargo. Liberou recursos e ajudou Washington a aprovar um empréstimo externo para dar fôlego a alguns projetos urbanísticos paralisados devido à guerra e a crise cafeeira. E ao final ainda escolheu Washington como seu sucessor no governo estadual. É importante dizer que Washington não teve a mesma condescendência com o fiel amigo, pois alçado ao posto em 1920, afastou-se de Altino e isolou seu grupo politicamente.

ADEMIR LUIZ: Altino Arantes tinha pretensões ao cargo de presidente?

ROBSON MENDONÇA PEREIRA: Exploro melhor essa questão em artigo que publiquei juntamente com Sônia Maria de Magalhães na revista *Topoi* em 2013. O processo de desgastante negociação que levou a oficialização da candidatura do conselheiro Rodrigues Alves na Convenção Republicana em junho de 1917 na qual Altino Arantes se envolveu fortemente levou ao seguinte registro em seu diário: “Com este resultado, que restitui ao Estado de São Paulo a sua hegemonia política na federação considero terminada a missão de meu governo na ordem externa.” Esse comentário não é trivial, pois revela a dimensão do cargo que ocupava, como se São Paulo fosse um país dentro de outro país. Alguns autores chegam a comentar que dado o peso econômico e político de São Paulo no sistema federativo

fosse mais importante ser presidente paulista do que presidente do Brasil, o que talvez não deixasse de ter a sua verdade. Porém, é uma ilusão achar que Altino não aspirasse chegar ao Palácio do Catete. Seu nome chegou a ser aventado quando da crise sucessória quando Delfim Moreira, então presidente interino convocou novas eleições para maio de 1919. Por não obter apoio dentro de seu próprio partido e ter sua indicação recusada pelos mineiros desistiu momentaneamente do intento. Fez como Arthur Bernardes, presidente de Minas, que buscou se fortalecer dentro de seu estado. Na sucessão seguinte, Bernardes levou a melhor, pois Altino não pode contar nem sequer com um gesto apoio da parte de Washington que tinha suas próprias ambições de poder.

ADEMIR LUIZ: Num registro preliminar, Altino Arantes escreveu que “este caderno de notas íntimas é absolutamente privado. Destina-se (...) à destruição do fogo purificador (...). Se alguém, entretanto, der por qualquer forma, publicidade a ele (...) terá traído o meu pensamento e contrariado formalmente a minha vontade”. Obviamente, não se discute aqui o registro histórico como superior a pretensa vontade do autor. Minha pergunta toma outra direção: o propalado desejo de destruir os textos era real ou fazia parte da “*mise-en-scène*” de quem escrevia um diário?

SÔNIA MARIA DE MAGALHÃES: Essa é uma questão interessante, pois essa reserva do autor quanto ao resguardo de sua privacidade é na verdade muito comum nesse tipo de escrita de si. Poderíamos ver isto sob o ponto de vista da psicanálise, e nesse sentido Contardo Calligaris assinala que o escrito autobiográfico é fruto de uma cultura na qual o indivíduo passa a situar “sua vida ou seu destino acima da comunidade a que ele pertence”, o que importa nesse sentido é o desejo individual de permanecer, de durar, de “sobreviver pessoalmente na memória dos outros”.

ROBSON MENDONÇA PEREIRA: É muito claro que Altino expresse esse desejo ao assinalar a intenção original que o levou a feitura do diário: produzir um relato de sua experiência como governador para de alguma maneira resguardar sua imagem para posteridade. Não se trata é claro de um esforço qualquer, pois se dedicou com afinco nos seus registros até o último dia

na presidência do Estado. Dessa maneira entendemos que a afirmação de que o diário se destinava ao aniquilamento não procede.

ADEMIR LUIZ: A apresentação do livro é ao mesmo tempo um estudo sobre o contexto de época e uma análise detida sobre a personalidade de Altino Arantes. Emerge daí não apenas o político, mas também o pai de família, o viúvo enlutado, o homem de cultura, o espectador de cinema e de ópera, o torcedor de futebol e diversas outras facetas. Existe uma chave interpretativa para essas, como vocês chamaram, “muitas faces de Altino Arantes”? Ou seja: existiu algum “rosebud” na vida de Altino Arantes?

ROBSON MENDONÇA PEREIRA: Acredito que se existe uma “chave interpretativa” para entender esse diário esteja no profundo sentimento de ambiguidade vivido por Altino perceptível desde o primeiro registro no diário. O cenário da posse como presidente de Estado é descrito de maneira intensa, no qual dois sentimentos contrapostos o afligem: a sensação do poder conquistado ainda jovem e a ausência sentida da amada esposa. Essa tensão o aflige e permeia o diário, recheado de notas alusivas a Maria Theodora, mesmo depois que seu segundo casamento.

SÔNIA MARIA DE MAGALHÃES: Além de ser uma personalidade pública, Altino Arantes assumiu sozinho a função de pai de dois filhos, o Paulo e a Stella. Avocar a paternidade após a morte da sua esposa não foi tarefa fácil, obviamente. Na sua escrita íntima sempre lamenta essa dificuldade, questionando se estava cumprindo devidamente essa função, olhava para os seus filhos com angústia e tristeza bastante tocantes. A sua agenda de entretenimento, aparentemente, parece muito extensa: cinema, futebol, teatro, visita aos amigos e outras coisas. E comprometia vários dias da semana. Mas naquela época São Paulo ainda não era uma metrópole e essas recreações serviam também para fazer contatos com pessoas importantes, bem como negociações políticas. Também eram costumeiras visitas na *Vila Kyria* do José de Freitas Valle, onde tinha encenações de peças teatrais, música e degustação de comidas e bebidas preparadas pelo dono da casa. Da mesma forma visitava diariamente o túmulo da finada Maria Theodora, ocasião em que demonstra que nem seu ingresso na presidência do maior Estado da nação, e tudo aquilo que sobreveio dessa ascensão política,

consolava a sua dor e luto. Parece que a vida pessoal de Altino parou no momento em que a sua esposa faleceu, evento recorrente em seu diário íntimo. Por meio das orações de um devoto fervoroso, quase um beato, rezava o rosário todas as noites e participava das missas dominicais, meio que encontrou para aproximar-se da finada que nunca sepultou de verdade. Recorria a ela todas as noites buscando conselhos cruciais para a administração do Estado de São Paulo, bem como no trato com os seus filhos. Era nessa personagem perecida que a sua vida era feliz de verdade! Nesse aspecto existe um paradoxo: a vida ou a morte. Esta última parece ser a mais recorrente e a razão da sua existência e, muitas vezes, pediu por ela. Queria morrer para se juntar a Maria. Não sei se existiu “rosebud” na vida de Altino Arantes, mas Maria era o símbolo da candura, do amor, da perfeição, da segurança e da felicidade.

ADEMIR LUIZ: Altino Arantes foi um homem de vida social intensa. Como o cenário cultural da *Belle Époque* paulistana foi vivenciado por ele?

ROBSON MENDONÇA PEREIRA: Na verdade a cena cultural paulistana desse período era bastante restrita se comparada a carioca, por exemplo. Havia uma tentativa de criar espaços de convivência para alta sociedade, de imitar o gosto estético e atrair trupes e grupos teatrais que se apresentavam na capital federal. Altino costumava participar das temporadas líricas que ocorriam geralmente no segundo semestre de cada ano. O diário é rico nesses registros da passagem de companhias operísticas que se apresentavam costumeiramente no Teatro Municipal apresentando quase sempre um mesmo roteiro ao gosto do romantismo oitocentista da elite paulistana, apreciadora de Verdi, Puccini, Rossini, Donizetti e outros compositores italianos. Frequentava também operetas e assistia aos filmes em cinematógrafos improvisados. Quase sempre se fazia acompanhar de algum conhecido. Havia os passeios de automóvel ou corso na avenida Paulista, excursões ou *raids* para cidades no interior, e as temporadas no balneário do Guarujá, onde se hospedava num hotel-cassino.

SÔNIA MARIA DE MAGALHÃES: Uma das notáveis possibilidades do Diário de Altino Arantes é recriar uma agenda cultural para a cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX. As óperas no Teatro Municipal, os espetáculos teatrais e musicais, o cinema demonstram a dinâmica da vida cultural da elite paulistana. Sabe-se que os segmentos sociais inferiores

consumiam cultura: operetas, cinematógrafos, danças, eventos humorísticos e outras coisas, mas não aparecem referências no diário. Os pobres insurgem na fonte como categoria perigosa que devia ser reprimida, a exemplo dos operários da greve de 1917. As passagens que também gosto muito se referem às várias temporadas do Altino e seus meninos no hotel *La Plage* no balneário do Guarujá. Fico imaginando como era a viagem de trem rompendo a Serra do Mar até a estância. O belo hotel, extremamente requintado, destruído num incêndio em 1897, reconstruído por Francisco de Paula Ramos de Azevedo em 1912. A beleza e as instalações sofisticadas desse hotel foram difundidas para o mundo inteiro por meio de fotos, cartões postais e pinturas. Nessa época não havia o costume difundido de tomar banhos de sol e de praia. Altino buscava nesse lugar paz e descanso, uma fuga da sua vida exaustiva e responsável como governante. Mas até nesse lugar paradisíaco encontrava meios de se enlutar.

ADEMIR LUIZ: Como se deu o acesso à documentação que compôs o livro? Estava de posse da família? Em um arquivo? Como foi a negociação com a família visando a publicação do resultado da pesquisa?

SÔNIA MARIA DE MAGALHÃES: Começamos a trabalhar com os diários no início dos anos 2000, ainda no doutorado. A documentação, cópia do diário, está guardada no Arquivo do Estado de São Paulo. Somente em contato com as herdeiras que descobrimos os originais na Academia Paulista de Letras. No início da investigação tínhamos somente a preocupação de explorar a fonte para pesquisas históricas. No processo de transcrição do diário, contamos com o apoio de vários alunos bolsistas da UEG. Não pensávamos em publicar, esse interesse surgiu muito tempo depois quando tínhamos transcritos vários cadernos que demonstraram o enorme potencial da documentação e a importância da sua divulgação. O contato com os parentes do Altino aconteceu muito recentemente, há uns três anos atrás. Depois de muito procurarmos conseguimos o telefone de duas das suas netas, a Maria Sylvia e a Theresa Christina que residem na capital de São Paulo. Tivemos a primeira conversa por e-mail, ocasião que mandamos o manuscrito do livro para apreciação das duas. Em seguida marcamos um encontro com elas na residência da Theresa. A conversa foi ótima, reconheceram a seriedade

do nosso trabalho e autorizaram a publicação. Foi um alívio para nós, pois na ocasião a questão da publicação de biografias sem autorização prévia estava na pauta do dia, gerando debates calorosos, ora a favor ora contra a divulgação desse tipo de literatura. Para nós, que trabalhamos com história, esse impedimento dificulta o nosso ofício. Nesse ínterim foi aprovado o Projeto de Lei 393/11 afiançando a autorização de publicação de biografias sem autorização do biografado, garantindo a democratização das informações. Resolvida essa questão crucial, a publicação veio em seguida.

ADEMIR LUIZ: Professor Robson, o senhor é especialista em “escrita de si”, o estudo de diários, memórias, autobiografias e similares. *O Diário Íntimo de Altino Arantes* se insere nessa linha de pesquisa. De que forma esses relatos autorreferenciais devem ser encarados pelo historiador? Quais os limites da interpretação? Existe o perigo de se acreditar “demais” no autor?

ROBSON MENDONÇA PEREIRA: Os cuidados que historiadores e outros pesquisadores devem ter com os escritos autobiográficos são quase os mesmos que se adotam em relação a outras fontes. O procedimento consagrado por Marc Bloch da atitude de “desconfiança” em relação aos interesses que permeiam a produção das fontes é perfeitamente aplicado aos documentos de caráter subjetivo. Pierre Bordieu perfeitamente o problema específico desse tipo de fonte assinalando-o como “ilusão biográfica” ao considerar que seria falaciosa a afirmação de que uma vida é uma história, não sendo, portanto crível a concepção de linearidade proposta pelo discurso biográfico. Fazia como afirma Ângela de Castro Gomes, um alerta aos historiadores para que não se deixassem levar pelo sedutor “efeito de verdade” da escrita autorreferente. No entanto, é inegável que na era moderna, conforme Artières, os indivíduos são levados a arquivar as próprias vidas, e nesse processo de guarda de materiais poderíamos incluir aqueles diretamente relacionados à escrita de si (autobiografias, diários, cartas) ou à constituição de uma memória de si (fotografias, cartões-postais, etc.). Caberia afirmar que se trata de um dispositivo de resistência por parte do sujeito que deseja constituir uma imagem íntima de si próprio. Neste processo manipulamos a existência, rasuramos, riscamos, sublinhamos ou damos destaque a certas passagens de nossas vidas. Só é possível

entender a vida de alguém levando-se em conta o contexto no qual essa pessoa viveu, o grupo social no qual se inseriu, trata-se de uma operação historiográfica rigorosa e ao mesmo tempo imaginativa, que tem certa similaridade com o procedimento adotado pela micro-história.

ADEMIR LUIZ: Professora Sônia, como a “escrita de si” pode ser utilizada na didática e no ensino de História em nível superior, e mesmo em salas de aula do ensino médio e fundamental?

SÔNIA MARIA DE MAGALHÃES: O uso da “escrita de si” na licenciatura em história e nos cursos da pós-graduação possui enorme potencial. O diário de Altino Arantes, em particular, apresenta possibilidades inesgotáveis como fonte. Colabora ainda no estudo da mentalidade vigente entre as elites letradas e econômicas de um Brasil que se defrontava com as dificuldades de inserção no mundo moderno capitalista na Primeira República (1889-1930). Como material didático para o ensino de história possui características peculiares que não se encontram em livros didáticos e outras fontes correlatas a área. O diário apresenta a trajetória pessoal e política de um indivíduo que galgou a vida pública no alvorecer da República. O relato é feito na primeira pessoa, são impressões e posicionamentos pessoais e não podem ser encontradas em outro lugar. Relativiza também aquela ideia tão difundida pela história tradicional que certas pessoas já nascem “prontas” para ser ator principal da história. Claro que ele teve uma preparação prévia para assumir a política, anos de capacitação no curso de direito do Largo de São Francisco. A sua formação humanística, bem como o domínio de vários idiomas também ganham destaque nas suas missivas denotando as grandes diferenças entre a preparação para carreira política do início do século XX e dos dias atuais. Como homem, pai e político, Altino mostra todas as suas inseguranças diante de seus vários papéis sociais. Evidencia, sobretudo, que o protagonismo na história é construído diariamente conforme as demandas vão se impondo.

ADEMIR LUIZ: Altino Arantes é apresentado como uma figura profundamente paulista. Talvez até mesmo como um símbolo de São Paulo. Nesse sentido, em seus diários íntimos existem referências às relações dele com outros estados, particularmente com Goiás?

SÔNIA MARIA DE MAGALHÃES: Acredito que sim, que Altino personificava a imagem de São Paulo, sobretudo a sua modernidade. Esse cosmopolitismo foi vinculado ao Edifício Altino Arantes (também conhecido como edifício Banespa), considerado uma das construções mais emblemáticas da capital paulista. É interessante perceber como ele foi galgando essa projeção e se tornando cada vez mais distante da sua origem interiorana de Batatais. Esta cidade aparece somente em alguns momentos, sobretudo quando tem que visitar algum parente doente ou receber no seu gabinete políticos e pessoas comuns solicitando favores, ou quando relembra seu início de carreira com Washington Luís. Goiás abrolha nas missivas, principalmente, nas suas relações políticas com José Leopoldo de Bulhões Jardim e Brasil Ramos Caiado, membros do Partido Republicano Goiano. Existe um fato curioso relacionado a Altino Arantes e a história de Goiás que não está no diário, poucas pessoas conhecem e merece ser lembrado. A notícia do achado da cruz do Anhanguera em 1914 na Fazenda Casados situada em Catalão ganhou repercussão nacional. Nessa ocasião o governo de São Paulo tentou disputar esse artefato com Goiás. De acordo com as pesquisas empreendidas pelo historiador Antônio César Caldas Pinheiro, o Presidente de Estado Altino Arantes chegou a nomear uma comissão para verificar pessoalmente o valor do achado, visando levá-la para compor a exposição permanente do Museu do Ipiranga. Posteriormente, o presidente de São Paulo Washington Luís tentou adquirir a famosa cruz oferecendo uma quantia vultosa no valor de 15 contos de réis (tendo em vista o câmbio de 1920, quando um dólar equivalia a 4.800 réis, esse valor alcançaria a soma atual de R\$ 300.000,00). Mas o doutor Luiz do Couto, presidente do Estado de Goiás, recusou a oferta e pôs um ponto final nessa história. Para ambos os estados, a cruz do Anhanguera representava um passado mítico, permeado por conquistas e grandezas evocando os destemidos bandeirantes como construtores da identidade nacional.

ADEMIR LUIZ: Para terminar, como é a dinâmica de trabalho de um casal de historiadores?

SÔNIA MARIA DE MAGALHÃES: A nossa maneira de trabalhar é bem organizada. O arrolamento das fontes e transcrição dos manuscritos são feitos ora em conjunto, ora separado. Ou seja, fazemos o reconhecimento dos documentos e em seguida dividimos as partes que cada um trabalhará. Os debates e discussões são frequentes em todas as etapas. A transcrição é uma das fases mais difíceis e complicadas, pois temos que ser fiéis ao documento, a checagem e confronto de informações são constantes. Há de se registrar que a letra do Altino é difícil de ser lida situação que nos obrigava retornar ao texto inúmeras vezes. A análise e crítica são feitas posteriormente, geralmente por meio da redação e divulgação de resultados parciais de pesquisa na forma de artigos. Nessa parceria como historiadores temos uma oportunidade rara e cada vez mais difícil no nosso meio que é o diálogo e a conversa constantes. O Robson é meu precioso interlocutor! Nessa relação me considero a mais pragmática, o Robson mais rebuscado e aplicado aos detalhes. Combinação bem interessante no nosso ofício de historiador.

